

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Teremos Sempre Michael Curtiz
14 e 19 de Maio de 2025

WHITE CHRISTMAS / 1954

Natal Branco

um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Norman Krasna, Norman Panama, Melvin Frank / Fotografia: Loyal Griggs / Som: John Cope, Hugo Grenzbach / Montagem: Robert Bracht / Directores artísticos: Hal Pereira, Roland Anderson / Música e letra: Irving Berlin / Director musical: Joseph J. Lilley / Danças e números musicais: Robert Alton / Guarda-Roupa: Edith Head / Interpretação: Bing Crosby (Bob Wallace), Danny Kaye (Phil Davis), Rosemary Clooney (Betty Haynes), Vera-Ellen (Judy Haynes), Dean Jagger (Major General Thomas F. Waverly), Mary Wickes (Emma Allen), John Brascia (John), Anne Whitfield (Susan Waverly).

Produção: Paramount (Estados Unidos da América) / Produtor: Robert Emmett Dolan / Cópia: em DCP (suporte original, 35mm, VistaVision), cor (Technicolor), legendagem eletrónica em português / Duração: 120 minutos / Estreia Mundial: 14 de Outubro de 1954, Estados Unidos / Estreia em Portugal: 29 de Dezembro de 1954 / Primeira apresentação na Cinemateca.

Em 1954, uma década depois do final da Segunda Guerra Mundial, Michael Curtiz regressa a um cenário de guerra para evocar a história de três personagens que nela participaram e que se reencontram dez anos depois. No centro de **White Christmas**, musical bem conhecido, que é mostrado pela primeira vez na Cinemateca, encontram-se Bing Crosby e Danny Kaye, e a música que o primeiro compôs dez anos antes (*White Christmas*), e que desde então foi um êxito comercial. E se não estamos perante um dos grandes filmes de Curtiz, como outros que têm sido mostrados nos últimos tempos na Cinemateca, numa filmografia que se estende por mais de cem títulos – se contarmos apenas aqueles que realizou nos Estados Unidos depois de deixar a Europa –, **White Christmas** é uma obra que de algum modo sobressai.

Em **White Christmas** Bing Crosby é Bob Wallace, ex-capitão de um regimento norte-americano e já músico famoso, ao qual se junta Phil Davies (Danny Kaye), que lhe salvou a vida durante um ataque inimigo, “exigindo” em troca que com ele cante uma música sua, que ficaria célebre e que selaria o destino conjunto das duas personagens após o final da guerra. Kaye junta-se assim com Crosby num filme que se revela uma performance permanente, e em que este par masculino se reunirá com outro par de artistas formado por duas irmãs – as sisters Haynes (Rosemary Clooney

e Vera-Ellen). Tudo acontece numa estância de desportos de neve onde não neva, um hotel no Vermont gerido por um ex-General, o comandante que os dirigiu na guerra, agora na reforma. Contratadas as duas irmãs para actuarem num hotel vazio, há que salvar tal hotel... Um conto de fadas sem fadas, um musical repleto de números cantados e dançados, cujo título deixa prever a chegada da neve, que naturalmente virá no Natal.

White Christmas reunia assim todos os ingredientes para que o “box-office” compensasse o investimento da Paramount no novo sistema “VistaVision”, que nos garante uma imagem em ecrã largo, tecnologia inovadora em 1954. Este musical foi o primeiro filme realizado por Michael Curtiz depois de deixar a Warner, para a qual trabalhara desde a sua chegada aos Estados Unidos, como temos vindo a repetir. O formato panorâmico concebido pela Paramount, surgia um ano depois do aparecimento do “Cinemascope”, num momento em que a concorrência da televisão levou as grandes produtoras a procurarem novos meios para atrair o público. Neste sentido é curioso perceber o papel que a televisão tem em **White Christmas**, com espectáculos musicais a ser concebidos propositadamente para o meio televisivo, e a explicitação de uma crença impressionante no seu potencial apelo das massas, como expresso pela chamada à comparência no hotel dos ex-militares da companhia do General.

Como se escrevia na época numa crítica publicada no *Monthly Film Bulletin*, do B.F.I., “todos os ingredientes do entretenimento musical foram empacotados num filme. Os números de comédia e de dança são agradáveis, sem ser distintivos, e Danny Kaye se, por uma vez, não suporta o filme sozinho, tem uma ou duas oportunidades simpáticas. Bing Crosby, como de costume, atravessa o filme de forma muito apazível. É pena que a história do velho General seja tão insipidamente sentimental e se torne tão pesada e opressiva, e que Dean Jagger nos dê uma performance tão distanciada.” Como percebemos pela citação acima, **White Christmas** não foi bem recebido pela crítica no momento da sua estreia, mas foi um dos maiores êxitos de bilheteira do ano nos Estados Unidos.

Joana Ascensão